

o tempo que o sujeito tem de convivência com o tratamento de quimioterapia citostática, menos o sujeito adere às recomendações médicas dos efeitos desse tratamento.

Por último, constata-se que, apesar das correlações não serem significativas, os resultados vão no sentido, em que a adesão às recomendações médicas dos efeitos da quimioterapia citostática nos doentes com cancro, está mais correlacionada com a satisfação com os cuidados de saúde, do que com as expectativas de auto-eficácia geral.

P91 ADESÃO AO TRATAMENTO: PERSPECTIVA DOS MÉDICOS, ENFERMEIROS E FISIOTERAPEUTAS EM MEIO HOSPITALAR

Luisa Pedro¹ (luisapedro@oninet.pt) & J.Pais-Ribeiro²

¹ ESTES Lisboa; ² FPCE – U.Porto

O paradigma de adesão ao tratamento tem sido nas últimas décadas de importância primordial para o controlo das doenças crónicas. Vários foram os estudos realizados sobre esta temática e que chegaram a resultados preocupantes no que diz respeito às taxas de não adesão dos doentes ao tratamento e as suas consequentes repercussões no progresso da doença, nos insucessos das práticas profissionais no sistema saúde e nos astronómicos gastos em saúde.

Neste estudo pretende-se analisar a percepção que os profissionais de saúde (Médicos, Enfermeiros e Fisioterapeutas) têm da adesão dos seus doentes ao tratamento e em que medida eles se sentem envolvidos no processo de adesão. Os participantes escolhidos para este estudo foram médicos, enfermeiros e fisioterapeutas que trabalham em Hospitais centrais na zona de Lisboa, num total de 184 indivíduos.

Foram elaborados dois questionários, o primeiro com objectivo de caracterizar a amostra e o segundo medir a percepção dos profissionais em relação à adesão dos seus doentes ao tratamento. Este último questionário é constituído por 64 itens que se distribuem por 8 dimensões.

Os resultados obtidos permitem concluir que as questões da adesão preocupam os profissionais de saúde, especialmente os médicos, no entanto, este tema é pouco referido nas práticas profissionais. Os médicos são o grupo profissional que atribui maior importância à implementação de esquemas de tratamento como medida para facilitar a adesão dos doentes aos tratamentos. Os enfermeiros referem como factor determinante na adesão, a educação e programas de promoção para a saúde. Os fisioterapeutas dão maior importância às representações da doença que o doente tem, bem como, a percepção de auto-eficácia com o tratamento.

SESSÃO DE PÓSTERES 15 – SAÚDE INFANTIL

Sala 2, dia 30, 09:00-17:00 • Coordenadora: *Rute Meneses*

P92 A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM CRIANÇAS FILHAS DE PAIS TOXICODPENDENTES

Ana Raquel Santos

Tendo como objectivo o estudo das representações parentais de crianças filhas de pais toxicodpendentes, foram seleccionadas quatro crianças (uma do sexo masculino e três do sexo feminino) com idades compreendidas entre os seis e os oito anos, em acompanhamento psicoterapêutico no Centro de Apoio a Toxicodpendentes de Torres Vedras. Os instrumentos utilizados foram o “Teste do Desenho da Família” e o “CAT-A”.

Os resultados obtidos sublinham a ambivalência emocional e a inconstância familiar a que estas crianças são expostas, sendo notória a ausência de referências pois as figuras parentais são vistas como abandonónicas e inconsistentes. Os resultados apontam também, para a existência de elementos fortemente patogénicos a nível familiar, dos quais a criança se protege com rígidos mecanismos de defesa, como a inibição na expressão da agressividade e a construção de uma estrutura em falso-self. Estes resultados vêm demonstrar a importância da intervenção precoce na prevenção da Saúde Mental Infantil, nomeadamente, em situações consideradas de risco para a criança, como é o caso da toxicodpendência dos pais.

A necessidade da intervenção psicoterapêutica nestas crianças e nas suas famílias é justificada pela fragilidade da organização psíquica e a consequente vulnerabilidade à psicopatologia e ainda pelo facto da patologia existir a um nível familiar, colocando o risco na transgeracionalidade.

P93 COMO É QUE OS ADOLESCENTES VÊM OS SEUS CENTROS DE SAÚDE? PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DO SUPORTE INSTITUCIONAL.

J. Pereira, M. Calheiros, S. Bernardes e P. Paulino

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

do Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa e Centro de Investigação Social

Existe uma vasta área de investigação que demonstra o impacto das características das redes sociais e dos recursos de suporte social institucional na saúde. Mais especificamente, alguns estudos observaram uma relação positiva entre a quantidade e a qualidade deste tipo de suporte e as estratégias de prevenção face à saúde e de adaptação às situações de doença (e.g. Sarason, Sarason e Pierce, 1990).

Este estudo tem como objectivo avaliar as percepções que os adolescentes têm sobre os serviços de saúde que frequentam no que diz respeito a duas dimensões de suporte social institucional – a estrutura e a função de suporte.

Através de um questionário aplicado aos jovens da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, foram avaliadas – na dimensão estrutura – o contacto e as percepções de acessibilidade e de relacionamento com os técnicos; na dimensão de função do suporte, foi avaliada a percepção do suporte instrumental, avaliativo/informativo e o social/emocional.

Os resultados obtidos irão permitir descrever as características percebidas do suporte social oferecido pelos centros de saúde à população adolescente.

P94 ESTRATÉGIAS PARENTAIS DE COPING EM MÃES DE CRIANÇAS COM E SEM DOENÇA CRÓNICA

M. Santos, L. Barros, T. Guimarães, & A. Clérigo

Fundamentação: A adaptação à doença crónica infantil, e mais especificamente os determinantes dessa adaptação tanto pela criança como pela família, têm sido considerados como uma dos temas electivos de investigação em Psicologia Pediátrica. A relevância da interacção pais-filhos, e dos próprios processos cognitivos parentais têm sido valorizados como mediadores essenciais dessa adaptação.

Objectivo: Nesta comunicação apresentam-se os resultados de um estudo que teve como objectivo central a identificação de estratégias de coping mais utilizadas por mães de crianças com e sem doença crónica, no confronto com situações identificadas como stressoras. Nesta investigação pretendeu-se igualmente avaliar o grau de auto-eficácia referido por estas mães na resolução de problemas educativos e de saúde de seus filhos.

Metodologia: A amostra foi constituída por 117 mães de crianças entre os 3 e os 11 anos (56 crianças com doença crónica; 61 crianças sem doença). As crianças com doença crónica eram